

Pedagogia da Autonomia e Cultura Popular no Ensino Superior Noturno

Anete Cordeiro 1

O presente texto propõe analisar o processo ensino-aprendizagem nos cursos de graduação nas áreas de Administração de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo que funcionam em horário noturno, na Faculdade Santa Helena, situada na cidade de Recife, no estado de Pernambuco, Brasil. Para efetivação deste estudo, tomamos como foco principal, a obra de Paulo Freire **Pedagogia da Autonomia** centrada na cultura popular, para se construírem novos conhecimentos. Isso porque os sujeitos da pesquisa são estudantes trabalhadores oriundos de contextos populares, o que nos motivou a refletir sobre os aspectos artísticos preferidos por eles. Pretendemos identificar se tais aspectos se relacionam à música, à dança, à poesia, ao teatro, ao conto, à lenda, à literatura de cordel e histórias em quadrinhos quanto a construção de conhecimentos no contexto das salas de aula.

Como ainda não existe uma proposta pedagógica sistematizada para o Ensino Superior noturno, partimos do pressuposto de que trabalhar a cultura popular no contexto das salas de aula, nesse nível de ensino estimulará os estudantes trabalhadores a se aprofundarem na cultura já existente e produzirem novos conhecimentos. Sabemos que o Brasil é um país periférico e, segundo o IBGE (2005), detentor de uma economia composta por distorções estruturais e dívida externa das mais elevadas do mundo. O Ensino Superior é privilégio da minoria da população.

Quanto ao acesso ao Ensino Superior, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), da Organização das Nações Unidas (ONU[1]), coloca o Brasil em 73º lugar, entre 100 países pesquisados. A educação superior, conforme dados fornecidos em boletim pelo INEP[2], atende apenas a 7,5% dos jovens entre 18 e 24 anos; e o Plano de Educação (2001-2010) prevê 30% de matrícula dos jovens nessa faixa etária para o Ensino Superior, até 2010.

1 Maria Anete Moura Cordeiro- Pedagoga, Psicopedagoga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, Doutoranda em Inovações Pedagógicas Universidade da Madeira- (UMA)- Funchal- Portugal.
Professora de Psicologia e Diretora Acadêmica da Faculdade Santa Helena.

Hoje, não mais se contesta que a educação seja prioridade em qualquer modelo de desenvolvimento, na perspectiva de consolidar uma nação democrática, autônoma, soberana e solidária. Viabilizar o acesso ao Ensino Superior de pessoas oriundas de setores menos privilegiados economicamente tornou-se hoje o grande desafio. No caso específico do Brasil, pode-se constatar que a defasagem tem sido suprida em parte, nas últimas três décadas, pelo significativo aumento da criação de Instituições de Ensino Superior (IES) no setor privado.

Publicações do Ministério de Educação e Cultura/Secretaria de Ensino Superior (MEC/SESU[3]) demonstram avanço significativo de entrada de estudantes provenientes das camadas populares nas IES particulares. Por outra parte, pode-se ainda constatar esforços do governo atual mediante a implantação do Programa Universidade Para Todos (PROUNI) e a continuidade do Financiamento Estudantil (FIES).

De fato, a segunda metade do século passado será lembrada na história da educação brasileira como um período de extraordinária expansão no ensino superior. No entanto, estudos e pesquisas têm demonstrado que a qualidade não acompanhou tal crescimento, pois a formação acadêmica não condiz com as exigências da clientela em face da globalização da economia; além disso, há a fragilidade de nossa política social e econômica, para a qual se deve buscar ensino de melhor qualidade que atenda às reais necessidades da sociedade.

Como salientamos anteriormente, vivemos num país marcado pela exclusão social. Isso nos leva a realizar um estudo que ofereça alguns subsídios para se melhorar a qualidade do ensino superior para a classe trabalhadora que só pode estudar no período noturno. Portanto, optamos por trabalhar textos científicos e propor aos alunos a transformarem em textos lúdicos, pois acreditamos que será bem mais prazeroso estudar. Daí nosso interesse em realizar um estudo sobre o Ensino Superior com ênfase nos universitários que freqüentam cursos noturnos, privilegiando e valorizando a cultura popular mediante construção e reconstrução de conhecimentos.

Quando jovens e adultos da classe popular conseguem chegar ao Ensino Superior, em regra ficam inibidos e se sentem desconfortáveis, o que os leva a dificuldade na aprendizagem. Guareschi (1999, p. 230 apud BABBER, 1961, e KUHN, 1962), ao discutir as resistências dentro do ensino superior, afirma: “o conhecimento científico se organiza em torno de paradigmas que constituem o foco teórico e metodológico para as pessoas envolvidas”. Daí acreditarmos que se deve trabalhar a questão dos estudantes oriundos da classe popular que ingressam nas faculdades,

buscando-se novas alternativas, a fim de motivar-lhe a inclusão e não se sentirem desconfortáveis diante dos colegas pertencentes a grupos de bom nível econômico.

As dificuldades de aprendizagem entre alunos trabalhadores instigam os professores a buscarem opções que facilitem o processo ensino-aprendizagem. Então, faz-se necessário repensar a prática educativa para a formação integral dos educandos, buscando-se novas e criativas soluções para enfrentar velhos problemas.

Entendemos que, na sala de aula, o trabalho seja capaz de trabalhar o saber prático, que dispõe os homens para o mundo da produção e do trabalho, e o saber teórico e humanista, que permite construir uma concepção de mundo coerente e orgânica no bojo das diferentes disciplinas acadêmica.

No entanto, a chamada era da globalização, na qual se põe o econômico como prioridade, vem cada vez mais afunilando as chances da classe popular ou os trabalhadores terem acesso ao ensino superior. Nessa perspectiva, apoiando-nos em Mattos (1995), é preciso repensar a educação universitária de forma mais humanitária, contextualizada aos reais problemas dos que a ela têm acesso.

Quanto ao ensino noturno, parece-nos que a inovação em sala de aula seja o caminho para os jovens e adultos trabalhadores poderem participar ativamente do seu processo de formação, sem nenhuma restrição ou constrangimento. A inovação é uma das exigências prioritárias do presente capaz de atender à necessária participação do homem na construção das sociedades contemporâneas. Cabe, em particular, à educação o papel fundamental no que diz respeito à inovação que leve em conta a questão social e as diferenças que caracterizam cada grupo-classe dentro da sala de aula. Fundamentando-nos em Garcia (1995, p. 18) quando afirma que “o conceito de inovação é, pois, bastante mais rico e abrangente do que os conceitos de mudança, renovação ou de reforma”, acreditamos que a inovação pedagógica poderá trazer algo de novo, em que seja efetivada real mudança quanto à maior abertura para ingresso no Ensino Superior.

Deste modo, pretendemos buscar novos subsídios que contribuam para efetivação de um ensino voltado às reais necessidades dos estudantes que freqüentam os cursos de graduação em horário noturno, na Faculdade Santa Helena.

Sabemos que o método da “memorização” ou “depósito de conhecimentos” em todos os níveis de ensino, e, mais acentuadamente, no ensino superior, está sendo substituído por uma proposta pedagógica denominada por Freire (2005) de educação problematizadora, que deve ser trabalhada na relação sujeito-sujeito: professores e

alunos fazem e refazem a história. Nesta forma de ensinar os educandos tornam-se críticos, criativos, participativos, autônomos. Segundo o referido autor, o ensino tradicional pode ser caracterizado como educação bancária, ou seja, o professor deposita os conhecimentos na cabeça dos alunos e, para avaliar a aprendizagem, os conhecimentos são “sacados” sem análise crítica.

Acreditamos que, além da interação professor-aluno, outra forma de romper com o ensino tradicional e livresco é trabalhar os conteúdos programáticos das diferentes disciplinas dentro de uma abordagem construtivista, na qual se analisam os conhecimentos para nova produção de saberes e conhecimentos. Daí porque o construtivismo vem exercendo significativa influência no processo ensino-aprendizagem, inclusive, no ensino superior. A base para essa concepção pedagógica, ou novo paradigma na educação, privilegia a construção do conhecimento, que é efetuada mediante interações sujeito-sujeito, como bem nos ensina Freire (2005). Sendo assim, a pedagogia da autonomia e o construtivismo não se excluem, mas formam uma nova concepção de educação.

Diante de tal cenário, um dos caminhos para melhorar a qualidade do ensino superior noturno é buscar novas opções que dinamizem o processo ensino-aprendizagem, mais especificamente, quanto ao trabalho pedagógico em sala de aula. Está evidente que a maioria dos estudos sobre a qualidade da educação superior tem-se pautado nas políticas, na legislação e na formação do professor, no entanto, há uma lacuna quanto à perspectiva da aula noturna transformar-se, de fato, em algo atrativo para facilitar a aprendizagem do aluno trabalhador. Na verdade, a aula é um espaço, por excelência, para veiculação e construção de conhecimentos, interação professor-aluno, aluno-aluno; portanto, reflete e projeta cenários onde se mesclam problemas e desafios que devem ser trabalhados na perspectiva de mudança.

Observamos que os estudantes só demonstram interesse e aprendizagem quando estão motivados. O fato de trabalharem dois expedientes e, em seguida, assistirem a aulas à noite exige motivação por meio de maior interação professor-aluno e utilização inovadora de ferramentas e técnicas no processo ensino-aprendizagem. Realmente, um estudante que trabalha oito horas diárias e sai do trabalho para a faculdade está cansado; ele só demonstra interesse quando se utilizam novas técnicas em sala de aula que facilitem a leitura de pequenos textos e o entendimento dos conteúdos por meio de projeções de documentários, apresentações em equipamento data-show, músicas e debates.

Apesar de a Faculdade Santa Helena ter uma proposta curricular centrada na cultura popular em que procura privilegiar a realidade sociocultural de seus alunos, ainda sentimos falta da efetiva prática pedagógica sociocultural e interdisciplinar vivenciada em cada disciplina. Daí porque nos interessa estudar a **Pedagogia da Autonomia**, do educador Paulo Freire, com ênfase na cultura popular dentro de uma abordagem construtivista.

Pretendemos, portanto, buscar subsídios que efetivamente contribuam para aperfeiçoar o processo ensino-aprendizagem por meio da valorização da cultura popular no ensino superior noturno. Desta forma, buscamos sistematizar, de maneira consistente, nova proposta pedagógica que privilegie as potencialidades, saberes, interesses e aptidões dos educandos, dentro da abordagem construtivista e interdisciplinar, com ênfase na cultura popular do Nordeste do Brasil.

Esperamos que trabalhando o processo de construção do conhecimento dentro de uma abordagem popular, como nos ensina Freire (2005), é possível, desde que se faça a interface entre o saber acadêmico estudado e construído e o saber popular, que exige criticidade e intercâmbio de experiências.

Na concepção de Freire, a pedagogia crítica está alicerçada no diálogo, que é uma relação horizontal, na qual professor e aluno são sujeitos que fazem e refazem a história. Ao se respeitarem as experiências dos alunos por meio de constante diálogo e se oferecerem chances de trabalho interativo mediante experiências de vida em contextos populares, ao tempo em que valorizamos o potencial dos alunos, estamos trabalhando uma prática pedagógica que valoriza o social e que deve ser instigada e trabalhada sistematicamente, no processo ensino-aprendizagem.

Ainda nos apoiando em Freire (1997, p. 32), essa prática dialógica nos remete ao processo de pesquisa, visto que o ensino exige pesquisa e pensar certo em termos críticos é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que se chama de curiosidade epistemológica.

Assim, no contexto da pedagogia crítica, em que se privilegia a pesquisa, a curiosidade epistemológica motiva o trabalho pedagógico do professor no sentido de incentivar os alunos na busca de novos conhecimentos mediante efetiva participação na aplicação de projetos de pesquisa em contextos populares. Essa ação deixa de ser apenas intenção de se fazer a interação entre os segmentos ensino e pesquisa para se tornar, de direito e de fato, um trabalho interativo, com imediata aplicação dos resultados dessa

prática. Assim, é possível ajudar os estudantes universitários que trabalham durante o dia e estudam em expediente noturno a se valorizarem socialmente para resgate da cidadania. Tal resgate passa a ser motivação para sedimentar o processo ensino-aprendizagem em busca de novas opções que revertam o problema da falta de educação de qualidade e, por que não dizer, da falta de esperança.

Portanto, faz-se necessário um trabalho educativo que vá das intenções à ação, visando a reforçar a crença de que a prática pedagógica que privilegia a análise crítica e o constante diálogo e interação da teoria com a prática nos fortalece como educadores, permite uma ação prazerosa na integração dos segmentos ensino e pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto 4.914 de 11 de dezembro 2003. **Lei de Diretrizes e Bases, Diário Oficial Brasília – DF, nº 189, nov. 2003.**

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** São Paulo: Editora Moraes, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 26. ed. São Paulo: Cortez. 2005.

GARCIA, Walter E. Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, (Orgs.). **Textos em representações sociais.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Publicações.** 2005.

MATTOS, C. L. G. Etnografia crítica de sala de aula: o professor pesquisador e o pesquisador professor em colaboração. **Revista da Ciência da Educação: Educação e Sociedade, CEDS e PAPIRUS: Ano 16, n. 51, ago. 1995.**

[1] ONU: Organização das Nações Unidas. IDH: Indicadores do Desenvolvimento Humano – Relatório de 2002. Disponível : < <http://www.undp.org.br>>

[2] INEP: - Instituto Nacional de Estudos Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira número 87 - 1 abril 2005 Ano 3

[3] - Secretaria do Ensino Superior do Ministério de Educação e Cultura e publicado no Informativo INEP – número 91 – em 01 de jun de 2005 – ano 3